

ENVELHECIMENTO HUMANO: CUIDADO PSICOLÓGICO E PALIATIVO FRENTE A VIVÊNCIA DA PANDEMIA DA COVID-19

Rayanne Alves Henrique¹
Allany Kaline Nascimento Gomes²
Gabriela Stéfany Alves de Lima Araújo³
Flávio Lúcio Almeida Lima⁴

RESUMO

Devido ao surgimento da COVID-19, as medidas de prevenção e controle do contágio e suas repercussões na saúde da população brasileira, a Psicologia da Saúde se encontra como uma especialidade propiciadora da efetivação de cuidados em saúde mental e, em alguns casos, com a inserção dos Cuidados Paliativos para com as pessoas idosas, que constituem um dos principais grupos de risco no contexto da pandemia. Assim, o presente estudo teve por objetivo expor e discutir a importância da atenção psicológica e dos cuidados paliativos frente ao processo de adoecimento da pessoa idosa relacionado aos impactos psicossociais vivenciados durante a pandemia do novo coronavírus no Brasil. Realizou-se uma revisão narrativa da literatura, que consistiu em apresentar uma síntese das questões problematizadas nas principais produções sobre a temática, sendo consultadas obras clássicas e contemporâneas de caráter nacional no âmbito da Psicologia da Saúde e do Envelhecimento Humano, no que concerne à vivência da pandemia da COVID-19. Apresentam-se no estudo, os mecanismos de risco que contribuem com o sofrimento psicológico da população idosa; a relevância da Psicologia da Saúde; e as diversas intervenções que estão sendo ofertadas na atualidade. Por fim, constatou-se a escassez de pesquisas relacionadas ao cuidado com a população idosa considerando esse contexto atípico de distanciamento social.

Palavras-chave: Envelhecimento Humano; Assistência Psicológica; Cuidados Paliativos; Covid-19; Psicologia da Saúde.

¹ Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, nannyalvesh@gmail.com;

² Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, allanykaline@hotmail.com;

³ Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, gabrielasalveslima@gmail.com;

⁴ Docente pelo Curso de Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, Doutorado em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB, Mestrado em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB, Graduação em Psicologia pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB, flaviopsicopb@yahoo.com.br;

INTRODUÇÃO

Considerando que a população idosa e a expectativa de vida vem crescendo significativamente nos últimos anos, verifica-se a revolução demográfica como uma mudança importante no contexto brasileiro. Conforme os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística no Brasil (IBGE), até o ano de 2060, estima-se que a população idosa (acima dos 65 anos) será de 25,49% em todo o Brasil, ou seja, um em cada quatro brasileiros terá acima dos 65 anos, o que equivale aproximadamente a 58,5 milhões de pessoas (IBGE, 2020).

Por muito tempo o envelhecimento foi concebido de um modo universal e reducionista, conforme problematiza Ribeiro (2015). Deste modo, a velhice passou a ser associada a um ciclo da vida com declínios, prejuízos, patologias, invalidez e fase próxima a mortalidade. Esta concepção se mostra ultrapassada, pois apesar de apresentar processos com caráter comum às coletividades, o envelhecimento é singular, dinâmico e multifacetado, sendo influenciado por fatores intrínsecos e extrínsecos, a exemplo dos fatores biológicos, socioeconômicos, culturais, psicológicos e existenciais, que modificam as formas de ser e estar no mundo (GARBACCIO, et al., 2017).

Diante dessas transformações surgem diversas implicações no processo de envelhecimento e no perfil dos idosos contemporâneos, que demandam por políticas adequadas, novas formas de organização social, bem como novos cuidados em saúde (MINAYO, 2012). De acordo com Ribeiro (2015), é possível perceber um esforço crescente da sociedade e do meio acadêmico por descobertas orientadas para a manutenção da funcionalidade da população idosa e pela superação de representações negativas acerca da velhice. No entanto, ainda existem inúmeros desafios que atualmente foram colocados em evidência e potencializados em decorrência da pandemia do novo coronavírus no mundo, sobretudo no Brasil.

No início do ano 2020, o Brasil se deparou com uma situação emergencial no âmbito da saúde pública devido a pandemia do novo coronavírus, denominado *Severe Acute Respiratory Syndrome Coronavirus 2* (SARS-CoV-2) que culminou na *Coronavirus Disease 2019* (COVID-19). Os Coronavírus são uma família de vírus comuns em muitas espécies diferentes de animais, no entanto, o novo agente do coronavírus (nCoV-2019) foi descoberto em 2019 após casos de transmissão pessoa a pessoa registrados na China. De acordo com o Ministério da Saúde (MS), a COVID-19 é uma doença viral infecciosa causada pelo

coronavírus, responsável por um quadro clínico que varia de infecções assintomáticas a quadros respiratórios graves e letais. É importante salientar que as pessoas idosas constituem um dos principais grupos de risco (Groisman et al. 2020), e estão mais propensas ao agravamento do quadro clínico em função da COVID-19, principalmente quando apresentam comorbidades (diabetes, obesidade, hipertensão arterial, tuberculose, doença pulmonar obstrutiva crônica, problemas cardíacos e outras), uma vez que podem dificultar o enfrentamento e recuperação da doença (Brasil, 2020).

Vale salientar que a COVID-19 pode gerar efeitos negativos na saúde e bem-estar dos idosos, ainda que eles não sejam infectados (Brasil, 2020). Nesse sentido, para além dos aspectos biológicos e físicos, também é possível elencar repercussões psicológicas, sociais e cognitivas desse evento atípico e estressor. O bombardeio de informações, as medidas de prevenção e controle do vírus, o distanciamento social, o isolamento social e a mudança na rotina pode gerar medo (de ser infectado, transmitir a doença, vir a falecer ou mesmo perder pessoas queridas), frustração e solidão, o que possibilita e/ou potencializa o sofrimento psíquico e os transtornos mentais. Diante disso, o contexto pandêmico demanda grande elaboração emocional e pode comprometer a saúde mental da pessoa idosa.

Considerando que os desfechos na saúde são consequência dos recursos e estratégias de enfrentamento mobilizadas na velhice frente ao evento estressor da pandemia, a escuta qualificada, o acolhimento e o cuidado psicológico se revelam como imprescindíveis para que a pessoa idosa possa lidar com as limitações e as adversidades de forma adaptativa e resiliente. Sendo assim, surge uma grande demanda para a Psicologia no contexto social da saúde.

De acordo com Grincenkov (2020), a Psicologia da Saúde se encontra, assim como as demais áreas do campo da saúde, diante de uma realidade talvez nunca antes vivenciada, decorrente da pandemia do novo coronavírus. No tocante ao papel da Psicologia da Saúde nos cenários de atendimento à saúde, de acordo com Straub (2014), é possível citar a importância do reconhecimento e interpretação de sintomas, o rastreamento no tocante às formas de tratamento, a exploração dos fatores que possibilitam a adesão do tratamento, a compreensão dos processos relacionados à hospitalização, bem como a promoção da relação humanizada e horizontal entre o paciente, seus familiares e o profissional da saúde.

Grincenkov (2020) afirma que no contexto de pandemia, a prática psicológica com usuários e familiares pode apresentar algumas especificidades, pois além das vulnerabilidades atreladas à COVID-19, há também a problemática do preconceito e da exclusão voltada para o

idoso, o que pode ser intitulado como velhofobia, que está arraigada na sociedade mas que atualmente foi evidenciada, intensificando processos de desumanização do idoso e de banalização da sua vida e morte. Deste modo, a Psicologia deve oferecer suporte durante o enfrentamento da doença, sobretudo diante do isolamento imposto pela COVID-19, promovendo, dentro das possibilidades, o contato virtual entre paciente e família, visando reduzir o desamparo vivenciado pelos pacientes diagnosticados.

Apesar do novo cenário, é importante que se possibilite também um morrer com qualidade ao idoso acometido pela COVID-19, através dos cuidados paliativos. Visto que a prática com os cuidados paliativos vai favorecer o enfrentamento do sofrimento, medo, fragilidades emocionais e possíveis declínios decorrentes do envelhecer e da COVID-19. Ou seja, pretende-se que com os cuidados paliativos, haja uma maior atenção e amparo necessário para com os idosos, incentivando portanto, a aceitação dos momentos de fragilidade e de morte (Fratezi e Gutierrez, 2011).

Ante o exposto, considerando a atual problemática mundial de saúde no que tange a pandemia da COVID-19, o presente estudo teve por objetivo discutir atenção psicológica e cuidados paliativos para a pessoa idosa decorrentes dos impactos psicossociais da pandemia da COVID-19 no Brasil.

METODOLOGIA

O presente estudo adotou a metodologia de revisão narrativa da literatura, que tem como objetivo fundamentar teoricamente uma determinada temática. Consiste numa forma de pesquisa que se utiliza de fontes de informações bibliográficas ou eletrônicas para obtenção de resultados de pesquisas de outros autores, apresentando uma síntese das questões problematizadas nas produções analisadas sobre uma determinada temática científica mais os apontamentos para possíveis contribuições no sentido de avanço e inovação dentro desse campo teórico a partir das implicações suscitadas (ACTA, 2007).

Foram consultadas obras clássicas e contemporâneas de caráter nacional no âmbito da Psicologia da Saúde e do Envelhecimento Humano, possibilitando uma discussão concisa acerca da atenção psicológica e cuidados paliativos para a pessoa idosa decorrentes dos impactos psicossociais da pandemia da COVID-19 no Brasil. No processo de busca e seleção dos estudos não foram utilizados descritores pré-determinados, no entanto, os critérios de buscas supracitados foram considerados satisfatórios para atender aos objetivos deste escrito.

REFERENCIAL TEÓRICO

De acordo com Czeresnia (2003), nos últimos anos tem-se observado o ressurgimento do interesse pela discussão do conceito de saúde, tanto no meio acadêmico como na sociedade. Entretanto, apesar da existência do modelo de saúde biopsicossocial observa-se ainda uma ênfase na etiologia biologicista, na concepção fragmentada de saúde e no caráter impositivo e normatizador, o que deixa em segundo plano a relevância de considerar os aspectos sociais, psicológicos e ecológicos como mediadores do processo saúde-doença.

Segundo Veloso (2016), no Brasil, somente após a formulação da Constituição Federal de 1988 e a criação do Sistema Único de Saúde (SUS), em 1990, a saúde foi de fato concebida como um direito social de todos e, portanto, um dever do Estado. Todavia, ainda se perpetua concepções e representações assistencialistas e segregatórias no âmbito formativo e prático da saúde. Em detrimento do princípio da participação popular no cuidado em saúde, o modelo biomédico mostra-se funcional apenas para as necessidades do sistema socioeconômico vigente, pois estimula a visão individualista, fragmentada e descontextualizada das racionalizações e dos comportamentos humanos relacionados à saúde e à doença. Diante disso, se sugere um permanente processo de reflexão e problematização da práxis nessa área.

Muitos autores contemporâneos têm abordado as mudanças que estão ocorrendo na biopolítica como resultado da ênfase na promoção da saúde a partir da segunda metade do século XX. De um lado, tem sido enfraquecida a ligação entre a saúde individual, de outro lado, a longevidade – e não mais a morbidade – define a saúde da população. A longevidade está associada com melhores condições de vida e com avanços nas tecnologias em saúde, representando uma questão mais fortemente associada com países em desenvolvimento. Entretanto, esse é também um problema para países como o Brasil, onde a pobreza e as doenças a ela relacionadas ainda não estão sob controle (SPINK, 2010) .

A construção de um novo marco explicativo que supere a concepção biologicista linear de simples causa-efeito aponta o papel da estrutura social como modeladora dos processos de produção da saúde e/ou doença. A noção de causalidade é substituída, do ponto de vista analítico, pela noção de determinação, com base na qual a hierarquia das condições ligadas à estrutura social é considerada na explicação de saúde e doença. Está vinculada à compreensão dos modos e estilos de vida, derivados não só das escolhas pessoais, como de fatores culturais, práticas sociais e constituição do espaço (BATISTELLA, 2007).

Em virtude de no início de 2020 o Brasil ter se deparado com a situação atípica, emergencial e calamitosa da pandemia da Covid-19, as autoridades sanitárias passaram a adotar algumas medidas protetivas e de controle do contágio, estabelecendo as seguintes orientações, de acordo com as prerrogativas do Ministério da Saúde (2020): intensificação de normas de higiene básica; recomendação da etiqueta respiratória; orientação para uso de máscaras; promoção de ações para diminuir a interação e, conseqüentemente, aglomerações; reclusão domiciliar (primordialmente para aqueles do grupo de risco); bem como estabelecimento do isolamento social de quem se encontra doente das pessoas não infectadas; entre outras.

Frente a essas delimitações propostas pelos órgãos de saúde, torna-se possível vislumbrar efeitos psicossociais que perpassam o cotidiano nessa eventualidade, como também os desfechos de saúde presente na vida de toda a população. Ainda é limitada a visibilidade e propostas de cuidado para com a população idosa, desse modo, se necessita de uma acolhida mais ampliada, visto que as dependências e necessidades presentes na população idosa no Brasil vai desde as precariedades econômicas, sociais e educacionais, próprias dos países em desenvolvimento, até o aumento das doenças crônicas e das limitações físicas e mentais, as quais têm maior ocorrência entre os idosos em idade mais avançada, sendo este grupo populacional, o que mais cresce no Brasil e no mundo (MINAYO, 2020).

Há décadas o sujeito idoso carrega uma vida permeada por estigmas, descasos, preconceitos, etc., e, com o desenvolvimento da Covid-19, essa população encontra-se ainda mais fragilizada tanto no sentido assistencial (externo) quanto intrapsíquico (interno). No âmbito externo há uma preocupação redobrada por serem um público de alto-risco para o agravamento da doença em questão e, como consequência, há ainda a privação do direito de liberdade (de ir e vir nos espaços públicos como e quando quiser), além dos diversos fatores que reverberam na instabilidade emocional destes (BRASIL, 2020).

Outra inquietação diz respeito a estrutura da composição familiar. No caso de idosos que residem sozinhos ou com seus pares igualmente idosos, torna-se ainda mais difícil que cuidadores e/ou familiares mais jovens mantenham contato direto com eles diante das restrições propostas. No tocante às questões internas, em primeira instância, as reações aos riscos trazidos pela doença, ao isolamento social e as preocupações com a situação financeira familiar, por exemplo, são capazes de produzir vários sintomas, entre eles, o pânico, a ansiedade, a depressão e os problemas com a desregulação do sono e a insônia (FERRARI, 2020).

Nessa perspectiva, considerando o atual e caótico cenário de pandemia em que o mundo fôra acometido, faz-se necessário refletir sobre esses aspectos e os impactos que têm causado sobre a vida da população idosa, visto que é notável as novas formas e dimensões do sofrimento psíquico. Além disso, a pandemia produz reflexões e aprendizados de diversos modos em relação a saúde do idoso, em função da pluralidade do perfil epidemiológico do sujeito envelhecido, bem como suas condições de vida. Assim, evoca-se a relevância de investir na criação de formas inovadoras de enfrentamento que sejam viáveis e efetivas, pautadas na concepção da redução de danos e na promoção de saúde. Nesse sentido, a Psicologia da Saúde se revela como um campo potente de investigação e ação.

Aproximadamente na década de 70 surge a Psicologia da Saúde, que tem como foco o cuidado com o sujeito, interessando-se na forma como o mesmo vivencia e lida com seu processo de saúde-doença, ou seja, preocupa-se com a sua relação do sujeito consigo mesmo, com os outros e com o externo. “A Psicologia da Saúde busca compreender o papel das variáveis psicológicas sobre a manutenção da saúde, o desenvolvimento de doenças e seus comportamentos associados” (ALMEIDA; MALAGRIS, 2011).

Além disso, nesse período pandêmico, os profissionais da área da saúde apresentam-se como sendo os principais responsáveis para oferecer suporte à saúde da população, incluindo os idosos. Entretanto, como mencionado por Hammerschmidt e Santana (2020), os materiais e documentos oficiais disponibilizados pelo Ministério da Saúde sobre cuidados protetivos como uma estratégia de enfrentamento a Covid-19 apresentaram pouca ênfase ao público idoso, predominando questões envolvendo crianças, adultos com comorbidades e gestantes.

Destaca-se neste trabalho o cuidado para com a saúde mental dos idosos, onde os profissionais da Psicologia visam promover acolhimento e potencialização das redes de apoio concernentes ao cuidado em Saúde Mental (SM), dado os diversos aspectos que contribuem com o adoecimento e vulnerabilidade dos idosos. Neste momento atual da pandemia da Covid-19, a Psicologia tem um papel de intervenção crucial, em virtude da promoção de saúde e bem-estar que visa apresentar, mesmo com os desafios decorrentes do distanciamento social por um período de tempo indeterminado. No entanto, é válido salientar que há desafios que perpassam as intervenções propostas para com a população geral, mas especificamente idosa, como a falta de acesso aos meios tecnológicos de informação/comunicação, a dificuldade de manejo para sua devida utilização, a falta de internet, entre outros. Em contrapartida, a ascendente busca pelo suporte psicológico oferecido nesta ocasião em modalidade *on-line*, além de prevenir a disseminação do contágio do novo coronavírus, tem

sido uma das formas de se gerir cuidado, oportunizando ajuda psicossocial remotamente (ROMMEL, 2018).

Nessa perspectiva, o manejo desse cuidar pode ser exercido em âmbito individual ou grupal. No encontro individual o idoso poderá vir a ressignificar seu modo de vida e ampliar sua perspectiva de cuidados, a exemplo de: reconhecer suas fragilidades e potencialidades, enxergar quem faz parte da sua rede de apoio, evocando o fortalecimento dos vínculos, etc; como também os mecanismos que auxiliam a situar o pensamento no momento presente, bem como estimular a retomada de experiências e habilidades usadas em tempos difíceis do passado para gerenciar emoções durante a pandemia, entre outras (FIOCRUZ, 2020).

Os encontros grupais, por sua vez, vão propiciar um ambiente de interação interpessoal mais solidário, com a experiência do compartilhamento de histórias, por exemplo, com a contação de como cada um dos envolvidos vivenciaram ou vivenciam seus momentos de sofrimento e, juntos, poderem traçar e vislumbrar estratégias que colaborem com o enfrentamento das dificuldades ocasionadas nesse novo contexto. Dessa forma, o cuidado psicossocial fomentado pelos profissionais da Psicologia é imprescindível e indispensável na busca por ferramentas e estratégias de inovação científica que visem a promoção da saúde mental da população, no presente caso, especificamente da pessoa idosa (LIMA, 2008).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Diante do exposto, fica notório que o cenário pandêmico além de apresentar risco iminente de complicações e agravamentos do quadro clínico da população idosa, os impactos decorrentes das restrições do público alvo em questão por medidas de prevenção e controle do contágio reverberam de tantas outras formas adoecedoras. Destacamos nesse estudo os impactos psicossociais.

Com isso, constatamos que os estudos sobre as condições psicológicas da população idosa brasileira em virtude da pandemia do coronavírus ainda são escassos visto que é um fenômeno recente, contudo, pesquisas a nível mundial já revelam repercussões negativas relevantes (SCHMIDT et al., 2020). Deste modo, as implicações psicológicas decorrentes da COVID-19 e das medidas de contenção da pandemia podem se revelar como mecanismos de risco à saúde mental. Sobretudo nesse contexto, medidas que possam amenizar o sofrimento psíquico gerado não devem ser desprezadas.

Tendo em vista a rápida propagação do novo coronavírus, as incertezas sobre controle da doença e de sua gravidade, a imprevisibilidade acerca do tempo de duração da pandemia e dos seus desdobramentos, bem como o medo da contaminação e da morte (SCHMIDT et al., 2020) são alguns dos mecanismos de risco que contribuem com o sofrimento psicológico da população idosa. Nesse sentido que a Psicologia pode oferecer rede de apoio interventiva, seja através dos cuidados paliativos, intervenções psicológicas de forma *on-line* - atendimento individual, grupal, plantão psicológico e cursos profissionalizantes - que melhor contribuam com a promoção da saúde psíquica do sujeito, seus familiares e os profissionais da saúde.

Considerando esse cenário discorrido acima, o desafio proposto pelos Cuidados Paliativos é o de cuidar de indivíduos de forma a aliviar-lhes o sofrimento para que possam viver o mais ativamente possível a finitude. Essa proposta de cuidado é reconhecida e recomendada pela Organização Mundial da Saúde (OMS), que em sua publicação acerca desta temática, no ano de 2002, definiu Cuidados Paliativos como sendo uma abordagem que por meio da prevenção e do alívio do sofrimento - possibilitados por identificação precoce, avaliação correta e tratamento da dor e outros problemas de ordem física, psicossocial e espiritual - aprimora a qualidade de vida dos pacientes e famílias que enfrentam problemas relacionados com doenças que ameaçam a vida (OMS, 2002 apud SANTOS, 2011).

Os Cuidados Paliativos são uma forma de responder à necessidade de cuidado dos doentes em fase terminal sem que apresse ou prolongue a morte, assim podendo ser considerado como a operacionalização da ortotanásia. Uma prática adequada deste é aquela que prioriza a individualização da atenção tanto para o doente quanto para a sua família, de forma a buscar o controle dos sintomas e a prevenção do sofrimento (MACIEL, 2008).

Assim, na busca da dignidade de vida, os Cuidados Paliativos proporcionam uma qualidade de morte. Entretanto, ainda é uma modalidade de estudos e prática profissional rara nacionalmente, o que, por negligência e falta de atualização profissional pode vir a colocar milhares de pessoas sob o risco de morrerem em condições de sofrimento intenso.

No que diz respeito ao atendimento psicológico por vias *on-line*/virtuais, o Conselho Federal de Psicologia (CFP) que rege a profissão do psicólogo, posicionou-se em concordância com essa modalidade de trabalho, especialmente devido às fragilidades reveladas pela pandemia, assim, “a Resolução CFP nº 4/2020, permite a prestação de serviços psicológicos por meios de tecnologia da informação e da comunicação após realização do “Cadastro e-Psi”, embora não seja necessário aguardar a emissão de parecer para iniciar o trabalho remoto.” (SCHMIDT et. al., 2020).

Dessa forma, as intervenções psicológicas têm sido apresentadas ao público em sofrimento, inclusive os idosos que são um dos públicos mais fragilizados. De acordo com Schmidt et. al (2020) esse cuidado é efetivado a partir de propostas psicoeducativas, como cartilhas e materiais informativos; oferta de canais para escuta psicológica (mídias comunicativas); atendimentos psicológicos *on-line* (individuais e grupais) e em casos mais complicados, há a exceção de atendimentos presenciais. No tocante às cartilhas e aos materiais informativos, é importante que sejam elaborados em linguagem bastante acessível, com delineação visualmente atrativa e ajustada às características do público-alvo, que no caso são os idosos, considerando também aspectos de alfabetização, podendo ser uma boa alternativa disponibilizá-las através de áudios e vídeos (SCHMIDT et. al., 2020).

A prática da Psicologia atualmente se identifica como uma prática ampliada que contribui nos diversos contextos político-sociais e da saúde. Entende-se como um desafio à profissão do Psicólogo a constante transformação do mundo e afirma-se que a identidade deste profissional não será dada exclusivamente pelo Código de Ética que o representa, mas sim pela: “sua participação nas perguntas fundamentais do mundo moderno, sobretudo no engajamento em propostas concretas de uma visão aberta do mundo voltada para o social e o político” (CFP, 1987). Como no período vivenciado atualmente, que não envolve apenas a saúde, mas a pluralidade de cenários políticos sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma vez identificada a relevância do impacto que a pandemia do novo coronavírus pode repercutir no bem-estar psicológico dos indivíduos devido às mudanças na saúde, nas rotinas e nas relações, o presente estudo teve por intuito contribuir para o fomento de criação, manejo e gestão de políticas públicas de saúde, atenção e assistência à pessoa idosa, desde as micropolíticas comunitárias e municipais, às macropolíticas governamentais e nacionais. Elucidamos a importância da realização de novas pesquisas de caráter empírico vivencial nesse campo de atuação - sobre as repercussões da pandemia da COVID-19 para a população idosa - venham a ser desenvolvidas e, conseqüentemente difundidas.

Salientamos ainda que a área da Psicologia em conjunto com as demais áreas da saúde podem oferecer contribuições importantes para o enfrentamento das repercussões da COVID-19, considerando a gravidade deste cenário que é de grande importância e emergência de saúde pública no país e no mundo. Com isso, ressaltamos que o cuidado psicológico, portanto,

não se trata apenas de reabilitação e prevenção, mas também e sobretudo de promoção à saúde, tanto no momento atual e no pós-pandemia.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, R. A. MALAGRIS, L. E. N. A prática da psicologia da saúde. **Rev. SBPH**, vol.14 no.2. p. 183-202. Rio de Janeiro: 2011. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rsbph/v14n2/v14n2a12.pdf>. Acesso em: 04 jul. 2020.

ACTA, Paul. **Revisão Sistemática x Revisão Narrativa**. Scielo, 2007. Vol. 20, Nº2, São Paulo.

BRASIL, M.S. **Coronavírus: o que você precisa saber e como prevenir o contágio**. Gov.br, 2020. Disponível em: <https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca#transmissao>. Acesso em: 03 jul. 2020.

Código de Ética Profissional do Psicólogo. CFP, 21 jun. 2005. Resolução Nº010/05 Disponível em: <<https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/codigo-de-etica-psicologia.pdf>>. Acesso em: 01 dez, 2018.

Conselho Federal de Psicologia (CFP). (2020a). **Resolução do exercício profissional nº4, de 26 de março de 2020**. Dispõe sobre regulamentação de serviços psicológico prestados por meio de Tecnologia da Informação e da Comunicação durante a pandemia do COVID19. Disponível em: <https://atosoficiais.com.br/cfp/resolucao-do-exercicio-profissional-n-4-2020-dispoe-sobre-regulamentacao-de-servicos-psicologicos-prestados-por-meio-de-tecnologia-da-informacao-e-da-comunicacao-durante-a-pandemia-do-covid19?origin=instituicao>. Acesso em: 08 jul. 2020.

Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ). **Saúde Mental e Atenção Psicossocial na Pandemia COVID-19**. RJ: 2020. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/documento/saude-mental-e-atencao-psicossocial-na-pandemia-covid-19>. Acesso em: 05 jul. 2020.

Fratezi, F. R. Gutierrez, A. O. Cuidador familiar do idoso em cuidados paliativos: o processo de morrer no domicílio. **Ciênc. saúde coletiva**, v.16 n.7 Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232011000800023&script=sci_arttext. Acesso em: 05 ago. 2020.

GARBACCIO, J. L., TONACO, L.A.B., ESTEVÃO, W.G., BARCELOS, B.J. Aging and quality of life of elderly people in rural areas. **Rev Bras Enferm** [Internet]. 2018;71(suppl 2):724-32 [Thematic Issue: Health of the Elderly]. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2017-0149>

GRINCENKOV, F. R. A Psicologia Hospitalar e da Saúde no enfrentamento do coronavírus: necessidade e proposta de atuação. **HU Revista**, v. 46, p. 1-2, 8 abr. 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA NO BRASIL (IBGE). **Projeção da população do Brasil e das Unidades da Federação**. 2020.

LIMA, Beatriz Furtado. **Alguns Apontamentos sobre a Origem das Psicoterapias Fenomenológico-Existenciais**. Revista da Abordagem Gestáltica – XIV(1): 28-38, jan-jun, 2008.

MACIEL, M. G. (2008). **Definições e Princípios do Cuidado Paliativo**. In CREMESP, (pp.15-32). São Paulo: Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo.

MINAYO, M. C. S. **O envelhecimento da população brasileira e os desafios para o setor saúde**. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro , v. 28, n. 2, p. 208-210, Fev. 2012.

MINAYO, M. C. S. **Realidade da Velhice Brasileira: velhos (as) que cuidam de velhos (as)**. Grupo de Estudos sobre a Multidimensionalidade do Envelhecimento, Saúde e Enfermagem (GEMESE/UFPI). Teresina(PI): 2020.

Painel debate: **Como a Pandemia reforça Estereótipos Negativos aos Idosos**. ABRASCO, 2020. Disponível em: <https://www.abrasco.org.br/site/noticias/painel-debate-como-pandemia-reforca-estereotipos-negativos-aos-idosos/47532/>. Acesso em: 30/04/2020.

RIBEIRO, P. C. C. A psicologia frente aos desafios do envelhecimento populacional. Gerais, Rev. Interinst. Psicol., Juiz de fora , v. 8, n. spe, p. 269-283, dez. 2015 . Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-82202015000200009&lng=pt&nrm=iso. Acessos em 08 jul. 2020.

ROMMEL, Brasílio Almeida; TROMPIERI, Nicolino . **O processo de envelhecimento: As principais alterações que acontecem com o idoso com o passar dos anos**. Disponível em: <http://www.fonovim.com.br/arquivos/534ca4b0b3855f1a4003d09b77ee4138-Modifica---es-fisiol--gicas-normais-no-sistema-nervoso-do-idoso.pdf>. Acesso em: 16 de abr. 2020.

SANTOS, F. S. (2011). **O Desenvolvimento Histórico dos Cuidados Paliativos e a Filosofia Hospice**. In F. S. Santos, Cuidados Paliativos- Diretrizes, Humanização e Alívio de Sintomas (pp. 3-16). São Paulo: Atheneu.

SAÚDE, Ministério da. **Para quem precisa de cuidados em saúde mental, o melhor é viver em sociedade**. Brasília, 2004. Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/120.pdf>. Acesso em 25 de abr de 2020.

SCHMIDT, B. et. al. Saúde mental e intervenções psicológicas diante da pandemia do novo coronavírus (COVID-19). **Estudos de Psicologia**, n. 37, 13p. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/estpsi/v37/1678-9865-estpsi-37-e200063.pdf>. Acesso em: 05 jul. 2020. e200063. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-0275202037e200063>.

SPINK, Mary Jane P. **Psicologia Social e Saúde: trabalhando com a complexidade**. Quaderns de Psicologia | 2010, Vol. 12, No 1, 41-56.

STRAUB, R.O. **Psicologia da Saúde: Uma abordagem biopsicossocial**. Porto Alegre: ARTMED, 3ª ed. 2014.

VELÔSO, Telma Maria Grisi; EULÁLIO, Maria do Carmo. **Saúde Mental: saberes e fazeres**. Campina Grande: Editora da Universidade Estadual da Paraíba, 2016.